

OPINIÃO SOCIALISTA



R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial

Nº608

de 10 de março a
24 de março de 2021

Ano 23



NÃO É MIMIMI

BOLSONARO LEVOU BRASIL AO COLAPSO



270 MIL VIDAS

>> LOCKDOWN POR 30 DIAS >> VACINAÇÃO PARA TODOS JÁ!
>> ESTABILIDADE NO EMPREGO COM MANUTENÇÃO DE SALÁRIOS
>> AUXÍLIO EMERGENCIAL DE R\$ 600 >> QUEBRAR AS PATENTES

FORA BOLSONARO E MOURÃO!



PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE >  DAS MATERIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



“ Tem idiota que a gente vê nas redes sociais, na imprensa, [dizendo] ‘vai comprar vacina’. Só se for na casa da tua mãe. ”

Bolsonaro (4/3/2021)



Bolsonaro (5/3/2021)



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

VAI QUERER CENSURAR

Genocida e miliciano

Bolsonaro disse, no dia 9 de março, que considera um crime ser chamado de genocida devido à situação da pandemia de coronavírus no Brasil. “Me chamar de genocida, isso é um crime. Você falar em tratamento precoce hoje não pode, isso é crime. Não pode falar de cloroquina, ivermectina, eu tomei, me curei. Eles não causam efeitos colaterais, então por que não experimentar? Temos menos morte que muitos países de primeiro mundo. Então o tratamento precoce funciona”, disse em entrevista à CNN Brasil sobre medicamentos comprovadamente



ineficazes. Por tudo o que fez, diz e faz, falamos em alto e bom som: Bolsonaro é genocida!

BOLSONARO E ISRAEL

Frente única de genocidas

A missão enviada por Bolsonaro a Israel foi piada no mundo todo. A comitiva saiu do Brasil sem máscara, mas quando chegou lá foi obrigada a usá-las. Ernesto Araujo, ministro das Relações Exteriores, levou até um pito por não usar máscara. A desculpa para o envio da comitiva foi o spray nasal milagroso de Israel que supostamente combate a COVID-19. Trata-se de mais uma balela vendida por Israel que faz esse tipo de campanha para tentar melhorar sua imagem manchada de sangue. O papo lá foi outro. Ambos os governos têm um inimigo comum: o Tribunal Penal Internacional, em Haia. Israel teme ir para o tribunal pelos crimes que comete de forma



sistemática contra os palestinos como, por exemplo, impedindo a entrada de vacinas em Gaza e na Cisjordânia. O ministro das Relações Exteriores de Israel fez questão de agradecer nas redes sociais o apoio do Brasil ao posicionamento do governo de Israel contra qualquer intromissão do tribunal na questão. Já o governo de Jair Bolsonaro é alvo de diferentes queixas por seu tratamento na pandemia. Aliás, Bolsonaro já percebe que poderá ser julgado por todas suas ações e falas que provocaram até agora, de forma consciente, a morte de 270 mil pessoas na pandemia.

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp



Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Bolsonaro é culpado pelo genocídio em marcha: é preciso pará-lo já!

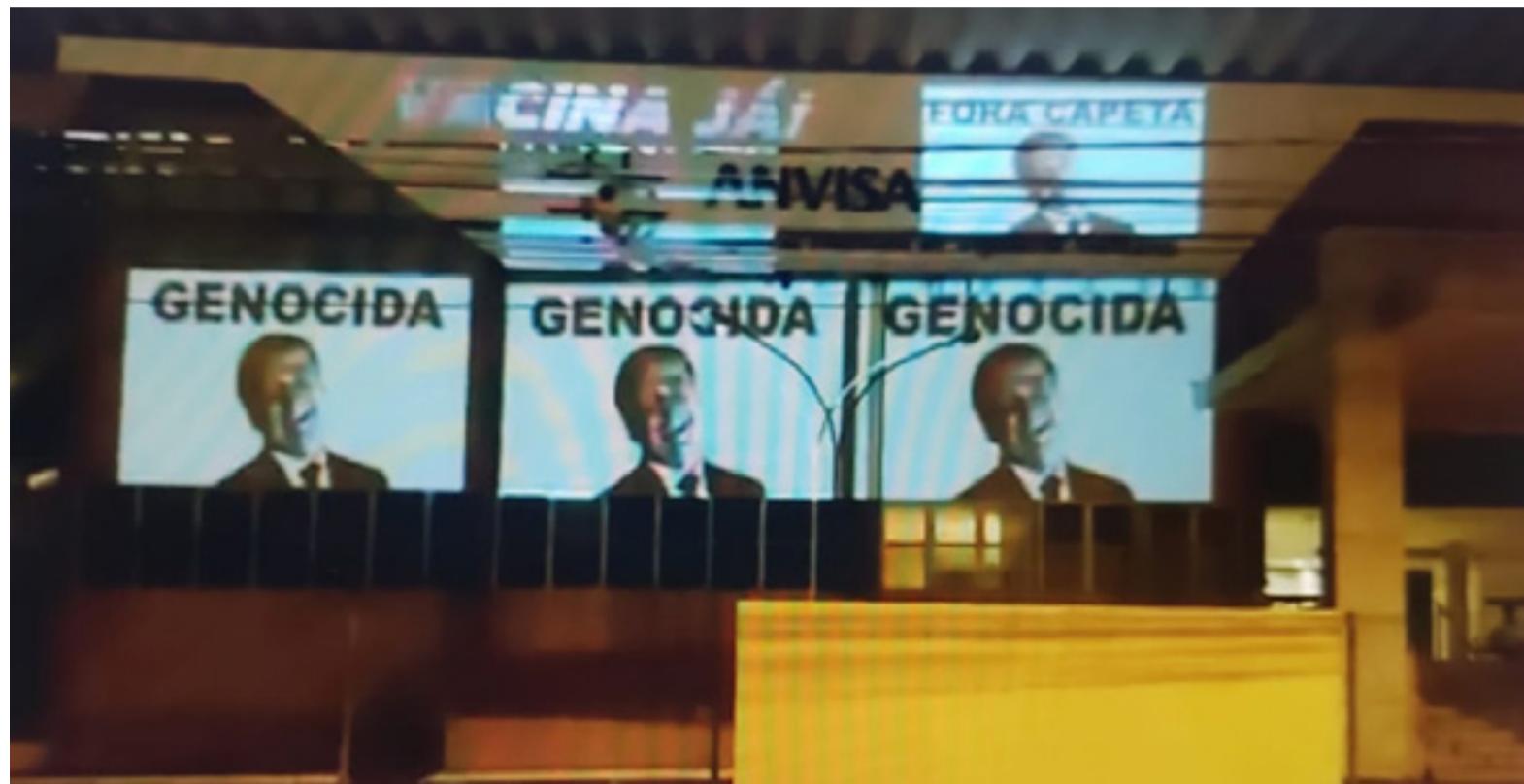
O povo paraguaio está se insurgindo contra um governo corrupto, amigo de Bolsonaro, que, assim como acontece aqui, não gasta com vacina e não combate a pandemia. Isso mostra que o caldeirão da América Latina está esquentando. A paciência do povo tem limite, e quando este se levanta revela a força da classe trabalhadora e dos setores populares.

No Brasil, batemos sucessivos recordes de mortes diárias. O próprio Ministério da Saúde prevê uma rápida escalada, podendo chegar a 3 mil mortes por dia nas próximas semanas.

Enquanto o sistema de saúde colapsa em todo o país e pacientes morrem à espera de UTI, Bolsonaro debocha das vítimas e de milhares de famílias enlutadas. “Chega de frescura, de mimimi”, vociferou.

A vacinação se arrasta a passos de tartaruga, enquanto a contaminação se prolifera, dando condições ao aparecimento de novas variantes do vírus mais contagiosas e mais letais. Esse governo é um perigo para o Brasil e para o mundo.

Esse é resultado não só da incompetência e do negacionismo obscurantista do presidente e de seu entorno. Como demonstrou o relatório da Connectas/USP, o genocídio que sofremos é produto direto de uma política consciente. Para proteger os lucros dos grandes bancos e empresas, Bolsonaro



colocou em marcha uma estratégia de deixar o vírus rolar solto para se chegar à imunização de rebanho. O que conseguiu foi transformar o Brasil numa “câmara de gás a céu aberto” como denunciaram artistas e religiosos.

Em meio a essa tragédia, Bolsonaro insiste em aparecer como o defensor dos empregos, da renda e da economia, sabotando as parcias medidas de distanciamento social nos estados. No entanto, assim como ele é o principal responsável por transformar o Brasil numa grande vala, ele também é responsável pelos milhões de

empregos perdidos e pela queda na renda do povo.

A razão pelo desemprego e a crise social é, além da crise do sistema, do próprio aprofundamento da pandemia por Bolsonaro. Se houvesse uma quarentena de fato desde o início, com isolamento social e condições para o povo fazê-la, além da compra das vacinas desprezadas pelo governo, não estariam cavando sepulturas, mas preparando a retomada. Bolsonaro faz o contrário: promove aglomeração, faz campanha contra o uso de máscaras e contra a própria vacina.

É preciso um lockdown de 30 dias com vacinação em

massa, estabilidade no emprego e manutenção dos salários; junto a isso, um auxílio emergencial de R\$ 600 (que deveria ser de um salário mínimo) enquanto durar a pandemia.

Para isso, é preciso quebrar as patentes para produzir vacina para todos; parar as privatizações da Petrobras, dos Correios e das demais estatais; barrar a destruição dos serviços públicos e do meio ambiente.

É preciso organizar a luta! Temos de avançar rumo a uma greve geral que pare o país a partir de grandes empresas, bancos, agronegócio e grande varejo, como Havan e Ria-

chuelo. Não podemos esperar 2022, é preciso lutar já contra esse genocídio e a destruição do país. Neste sentido, o próximo dia 24 tem grande importância. É dia nacional de mobilização pelo “Fora Bolsonaro!”, paralisando pela base os setores que for possível.

Governadores, oposição, centrais sindicais e demais organizações da classe precisam parar de jogar para a plateia e abandonar a estratégia de “deixar Bolsonaro sangrar” até 2022. Deixar tudo para as eleições é seguir com um genocídio que deve ser parado agora! **Fora Bolsonaro e Mourão já!**

Construir uma alternativa de classe e socialista

É preciso unidade na luta entre todos os setores que estão dispostos a se mobilizar contra o genocídio em marcha. Mas é preciso também, nesse processo, discutir uma saída de fundo para o país.

Não podemos cair na velha armadilha de canalizar nossa luta para saídas por dentro do sistema, com medidas que não tocam nos problemas estru-

rais do país. Precisamos lutar para botar para fora Bolsonaro e Mourão e por um plano de emergência da classe trabalhadora, que preveja, além da quarentena, o auxílio e a defesa do emprego e da renda, o fim e a revogação das reformas trabalhista e da Previdência, o fim da entrega do país, com a reestatização das empresas sob o controle dos trabalhadores.

Precisamos botar abaixo a lei do teto dos gastos, assim como a Lei de Responsabilidade Fiscal, suspendendo o pagamento da falsa dívida aos banqueiros, estatizando o sistema financeiro sob o controle dos trabalhadores.

POR UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA

Para isso, termos de enfrentar os grandes banqueiros e os

empresários. Uma mudança real das nossas condições de vida, que enfrente não só a pandemia e a guerra social, mas que supere os problemas estruturais, como o desemprego, o saneamento básico, o genocídio da juventude negra, o machismo, o racismo e a lgbtfobia, só vira com uma nova sociedade.

Um novo modelo só será possível com a auto-organiza-

ção da classe trabalhadora. Não com projetos de conciliação de classes dentro do sistema, como defendem o PT e o PSOL.

Precisamos de uma alternativa revolucionária e socialista, que lute por um governo socialista dos trabalhadores, baseado em conselhos populares.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2OBOVGM](https://bit.ly/2OBOVGM)**

REUNIÃO NACIONAL

CSP-Conlutas debate crise sanitária e luta contra Bolsonaro



ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

Com a participação de dois especialistas em saúde pública – o professor da USP e fundador da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Gonzalo Vecina, e o diretor da escola nacional de saúde pública da Fiocruz, Hermano de Albuquerque Castro –, a primeira reunião do ano da Coordenação Nacional da CSP-Conlutas, nos dias 5 e 6 de março, foi marcada pelo debate sobre a necessidade de se adotar medidas para conter o avanço da pandemia frente à política genocida de Bolsonaro.

“Vivemos a maior crise sanitária da história do país”, afirmou Vecina. “Temos no governo um presidente que nega a exis-

tência do vírus, a gravidade da doença, a crise sanitária, a importância do isolamento social, do uso de máscaras e a importância da vacina. Ou seja, nega tudo que pode resolver a crise que vivemos”, disse.

Ele ressaltou que é preciso parar a circulação do vírus o mais rápido possível até que haja vacina suficiente. Para isso, a solução é reduzir a circulação nas ruas. “É preciso reduzir a presença fora de casa. Só deve funcionar o que é indispensável. Temos de exigir, inclusive, uma solução dos governos para os transportes, que circulam lotados e são foco de disseminação da COVID-19. Com isso, uso de máscaras, que também é essencial para dificultar a circulação do vírus”, explicou.

“O lockdown é fundamental.

Isso vai gerar falências, desemprego, vai. Mas é isso ou morte. Os governos devem garantir auxílio emergencial a quem precisa e socorro para os pequenos e médios negócios. Se sairmos vivos, vamos conseguir resolver a economia”, completou.

Castro avaliou que “se tudo der certo” na aquisição de mais vacinas, o país só deve atingir uma imunidade coletiva com a vacinação de 70% a 80% da população no final do ano. “Enquanto isso não ocorrer, são fundamentais medidas restritivas de circulação”, afirmou.

O cientista Hermano Castro também teceu críticas à política negacionista de Bolsonaro e defendeu medidas restritivas de circulação, já que não tem vacina para todos.

“No Brasil, nunca tivemos uma política de isolamento social. Houve um momento de maior restrição no início da pandemia, em março e abril, mas em junho tudo voltou ao normal. Passamos 2020 com uma taxa média de isola-

mento abaixo dos 50%. Em 2021, entre 30 e 40%, quando o indicado seria entre 65 e 70% de isolamento”, explicou.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/20DY6BK](https://bit.ly/20dy6bk)**



RESOLUÇÃO POLÍTICA

Campanha por lockdown com auxílio e vacina para todos



Após dois dias de debate, a reunião aprovou uma resolução que defende a necessidade de um lockdown nacional, com garantia do auxílio emergencial no valor de um salário mínimo e vacina para todos.

“Estamos passando pelo pior da pandemia, com uma sequência de recordes diários do número de casos e de mortes. A maioria dos Estados está com hospitais colapsados, sem UTIs, sem vacina, sem respiradores. Entendemos que a

nossa principal tarefa é exigir um lockdown nacional urgente, com auxílio emergencial, e a quebra das patentes com garantia de vacinação para todos”, disse Atnágóras Lopes, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

Deliberou-se por intensificar o apoio à luta e à resistência dos trabalhadores e trabalhadoras em educação contra a ofensiva pela volta do ensino presencial defendida por Bolsonaro e quase todos os governadores e prefeitos.

UNIDADE DE AÇÃO PELO FORA BOLSONARO E MOURÃO

Bolsonaro também impõe uma série de ataques aos diretores dos trabalhadores, aos serviços públicos e à soberania nacional ao tentar privatizar a Eletrobras, os Correios e a Petrobras.

“É importante e necessária a unidade da classe trabalhadora para enfrentar e derrotar os ataques de Bolsonaro. Infelizmente, não tem sido essa a política das maiores centrais sindicais, que seguem, até o momento, sem uma política efetiva que, mesmo considerando as especificações da pandemia, coloque a classe em ação”, destacou Atnágóras.

“Vamos seguir insistindo, pressionando, exigindo calendários unificados nacionais de luta. Não podemos ficar reféns de uma estratégia eleitoral que busca apenas derrotar Bolsonaro em 2022. Temos que derrotá-lo é agora, é hoje”, completou.

Destacando os limites impostos pela pandemia, “precisamos ser criativos e ousados, pensar

AGENDA

Veja o calendário de lutas

- | | |
|------|---|
| 14/3 | Marielle Vive! E Jornada Nacional Unificada do funcionalismo público |
| 16/3 | Reunião ampliada |
| 18/3 | Carreata e buzinaço no Congresso e STF |
| 19/3 | Greve Mundial pelo Clima |
| 21/3 | Dia Internacional de Luta contra o Racismo |
| 24/3 | Dia nacional de mobilização pelo Fora Bolsonaro |
| 1/5 | Dia Internacional do Trabalhador |

maneiras alternativas que coloquem a nossa classe em luta, em ação, apontando a necessidade de construir uma greve geral sanitária em defesa da vida e derubar Bolsonaro e Mourão”, finalizou Atnágóras.

ASSISTA



A resolução política aprovada na Coordenação Nacional da CSP-Conlutas está disponível no site da central.

LUTA

Petroleiros aprovam greve em defesa da Petrobras, por direitos e por empregos



DA REDAÇÃO

Petroleiros do Amazonas, Bahia, Espírito Santo e São Paulo aprovaram greve por tempo indeterminado no último dia 5. Os sindicatos de Pernambuco e Minas Gerais também aprovaram greve em suas bases e devem fortalecer a luta.

A greve acontece contra os inúmeros problemas que a categoria vem enfrentando, como a privatização das refinarias e de ativos da empresa, em meio à troca de comando da presidência da Petrobras e à alta dos preços dos combustíveis, que trouxe a questão do Preço Paridade de Importação (PPI) para a grande mídia.

Os sindicatos denunciam os impactos das privatizações nas relações de trabalho, em função das transferências compulsórias feitas pela gestão da Petrobras, da redução drástica

de efetivos e do sucateamento das unidades, principalmente as que estão sendo vendidas. O resultado desse desmonte é o risco diário de acidentes, sobrecarga de trabalho, assédio moral e descumprimento rotineiro do Acordo Coletivo de Trabalho (ACT).

UNIDADE ENTRE A FNP E A FUP

Foi realizada uma reunião entre a Federação Nacional dos Petroleiros (FNP) e a Federação Única dos Petroleiros (FUP) para debater a unificação das lutas e construir uma forte greve nacional petroleira.

“Nós da FNP, avaliamos ser importante e urgente um movimento concreto para a organização unificada de nossa mobilização. Temos nossas diferenças, mas achamos que há condições para atuarmos conjuntamente com uma pauta, mesa única e um calendário nacional unificado de mo-

bilização nas bases”, afirma Eduardo Henrique, militante do PSTU e do Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro (Sindipetro-RJ).

A FNP está defendendo a construção de comando unificado local e nacional de greve e realização de caravana por todas as bases com dirigentes de ambas as federações. “A FNP vai seguir com a batalha pela unidade. Achamos importante a continuidade dos entendimentos entre as federações, na expectativa de que se desenvolvam mandos unitários locais, pela base, além do comando nacional unificado. Precisamos unir as forças para barrar o desmonte e a privatização da Petrobras”, pontua o sindicalista.

MOBILIZAÇÃO

Desde a semana passada, os sindicatos ligados à FNP vêm realizando assembleias e mobilizações, discutindo com a categoria a necessidade e a



urgência da greve e construindo suas pautas.

“Esta semana começam as assembleias gerais e também ações de comunicação junto à população, com venda de gás de cozinha e gasolina subsidiada, como estamos fazendo no Sindipetro-RJ. Temos que levar

essa luta para o conjunto da sociedade e unificá-la com as demais categorias em luta, unindo o conjunto da classe trabalhadora contra os ataques de Bolsonaro”, explica.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ERCU8E](https://bit.ly/3ercu8e)

CORREIOS

Trabalhadores dos Correios seguem mobilizados contra a privatização

No dia 24 de fevereiro, Bolsonaro entregou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei 591/21, que abre caminho para a privatização dos Correios. Nas eleições, ele já falava em privatizar a estatal. Criou uma campanha mentirosa, dizendo que a empresa não é lucrativa.

Os Correios geram lucro e nem sequer dependem de dinheiro público. Em 2019, a estatal lucrou R\$ 102 milhões. Devido ao aumento de entregas de encomendas com a pandemia, a previsão é que o lucro de 2020 seja bilionário. A parcial de janeiro a setembro apontou lucro de R\$ 836,5 milhões.

“A empresa é a única estatal brasileira presente em todos os municípios do país, garantindo serviço sociais à população, além dos serviços pos-

tais, como entrega de vacinas, livros da rede pública de ensino e provas do Enem, emissão de CPF, serviços bancários pelo Banco Postal”, destaca Geraldo Rodrigues, o Geraldinho, do PSTU e diretor da Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios (Fentect).

ABAIXO-ASSINADO

Pesquisas mostram que mais da metade da população brasileira (50,3%) é contrária à privatização dos Correios. No Nordeste, esse percentual atinge 55,2% da população. A pesquisa mostra que em todas as regiões a venda da estatal é rejeitada.

Aproveitando esse sentimento da população, os trabalhadores dos Correios estão realizando uma coleta nacional de assinaturas contra a

privatização para entregar ao Congresso Nacional. “A população brasileira reconhece a importância dos Correios como uma empresa estatal, que tem uma função social importante. Por isso, a maioria é contrária à privatização. Temos que chamar a população a lutar com a gente em defesa dos Correios. Essa luta não é só nossa”, afirma Geraldinho.

“O abaixo-assinado contribui para o fortalecimento dessa luta ao abrir o diálogo com a população. Já recolhemos mais de 200 mil assinaturas em todo o país”, completa.

A data da entrega do abaixo-assinado vai ser definida em conjunto com a Frente Parlamentar Mista em defesa dos Correios. “Vamos seguir mobilizados em defesa dos Correios



100% público, estatal e sob controle dos trabalhadores. Não podemos aceitar a entrega do nosso patrimônio às multinacionais”, diz Geraldinho.

O diretor da Fentect pontua sobre a importância da unidade com as demais categorias em luta, em especial, as demais estatais que estão ameaçadas de privatização. “É preciso realizar uma forte campanha em defesa de todas

as estatais que estão sendo ameaçadas de privatização. Todos nós vamos sofrer as consequências da privatização da Petrobras, da Eletrobras, do Banco do Brasil e dos Correios. A população vai pagar mais caro pelos serviços prestados por essas empresas”, finaliza.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2N1BTDC](https://bit.ly/2n1btdc)

CORRUPÇÃO

Mansão de Flávio Bolsonaro é deboche da cara da gente

LUCIANA CANDIDO,
DA REDAÇÃO

Na semana passada, o senador Flávio Bolsonaro virou centro dos noticiários mais uma vez ao comprar uma mansão de 2,4 mil metros quadrados, no valor de R\$ 5,97 milhões, em área nobre de Brasília. Num país tão desigual como o Brasil, o fato teria passado despercebido se o parlamentar não fosse filho do presidente genocida e não estivesse sendo investigado por corrupção.

Flávio é suspeito de desviar parte dos salários dos assessores quando era deputado estadual do Rio de Janeiro e lavar o dinheiro por meio de uma loja de chocolate e de compra e venda de vinte imóveis entre 2007 e 2018. A falcatura ficou conhecida como esquema das rachadinhas. Segundo a denúncia do Ministério Público, ele teria desviado cerca de R\$ 6 milhões.

A matemática fecha, mas só com o esquema das rachadinhas, porque o patrimônio declarado pelo senador nas eleições de 2018 foi de R\$ 1,74 milhão. Consider-

rando que ele alega ter comprado o imóvel com recursos próprios, a mansão fica quase 3,5 vezes acima das suas possibilidades.

Ele alega que vendeu um apartamento no Rio de Janeiro, onde reside, na Barra da Tijuca, avaliado em pouco mais de R\$ 900 mil, e uma franquia de uma marca de chocolates. Ambas propriedades são apontadas pelo Ministério Público como prováveis meios de lavagem de dinheiro pelo senador.

O restante teria sido financiado. As prestações ficaram em torno de R\$ 20 mil, o que comprometeria cerca de 70% da renda de Flávio. Seu salário líquido de senador é de R\$ 24.900.

RELACIONES ESPÚRIAS

A ostentação dessa compra por si já é uma zombaria com a cara dos brasileiros, dos quais milhões estão sem emprego ou subempregados e não sabem se vão ter o que comer no dia seguinte.

Deixando isso de lado, as relações envolvidas na transação fazem parecer que se trata de uma continuidade de suas negociações lá no Rio de



Janeiro. O vendedor do imóvel – que possui academia, brinquedoteca, área gourmet, piscina e outras coisas que não temos nem como imaginar – é Juscelino Sarkis, de família milionária do agro-negócio e do ramo imobiliário. Dentre as controvérsias dos Sarkis, estão um flagrante de trabalho escravo numa fazenda em Minas Gerais e a aquisição de uma propriedade usada para torturar padres durante a ditadura militar.

O que chama a atenção, porém, é a namorada de Sarkis. Cláudia Sílvia de Andrade foi juíza-assistente do ministro do Superior Tribunal de Justiça João Otávio de

Noronha. Ele tem favorecido a defesa de Flávio, que tenta esvaziar as investigações e anular o processo das rachadinhas. Noronha foi um dos votos favoráveis à anulação da quebra do sigilo bancário do senador.

Sarkis afirma que foi tudo feito dentro da lei. No entanto, até este momento, o imóvel de Flávio no Rio não foi vendido segundo documentação do cartório, a despeito das desculpas esfarrapadas que ele tenha dado.

Já o cartório em Brazlândia, cidade onde registrou a transação apesar de a mansão estar endereçada em Brasília, ocultou dados de Flávio na escritura. Isso

não é permitido, pois trata-se de documento público que deve estar acessível a qualquer pessoa. Entre as informações escondidas com tarja preta, estão a renda do senador e de sua esposa, a dentista Fernanda Bolsonaro, que aparece como sócia da mansão.

O financiamento foi feito pelo Banco de Brasília (BRB), banco público do Distrito Federal, governado por Ibaneis Rocha, apoiador de Jair Bolsonaro. A taxa de juros, 3,65%, é uma das mais baixas do mercado. Somadas as rendas de Flávio e Fernanda, aproximadamente R\$ 37 mil, não atingiram o mínimo exigido para a transação, que seria de cerca de R\$ 46.500. Além disso, a prestação vai consumir em média R\$ 20 mil, mais da metade da renda do casal. Mesmo assim, saíram do banco com um empréstimo para pagar por uma mansão.

Você consegue um empréstimo assim, ajustadas as proporções, para pagar as suas dívidas? O governo e os bancos públicos oferecem linha de crédito superfacetadas e com juros baixos a pequenos negócios? Pois é...

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/38MG04E](https://bit.ly/38MG04E)**

FAMILÍCIA

A gangue dos Bolsonaro

Três dias depois, o pai Jair Bolsonaro vomitou uma de suas frases virulentas sobre a pandemia: “Chega de frescura, de mimimi, vamos ficar chorando até quando?” Ele precisa disso para manter sua claque fiel do cercadinho. Mas é também uma estratégia que utiliza para desviar a atenção de cima do filho. Já não cola tanto como antes.

Há coisas mais graves. O presidente interferiu nos comandos da Polícia Federal e da Abin para nomear indicados de sua confiança. Ele faz isso sem nenhum constrangimento, nem mesmo

quando teve uma fala sua revelada, na famosa reunião de ministros de abril de 2020, na qual dizia que interferiria sim se fosse para “proteger os seus”.

A verdade é que quem ocupa hoje o Planalto e uns cargos no parlamento não é uma família, mas uma gangue. Esses fatos e dados são apenas demonstrativos disso. Os Bolsonaro não passam de um projeto de ditador genocida com três filhos parasitas sugando recursos públicos.

O fato de Flávio Bolsonaro realizar esta transação em ple-

na luz do dia, no meio de uma investigação contra si por corrupção, e apresentar um monte de desculpas esfarrapadas num vídeo com cara de deboche é uma afronta à classe trabalhadora, ao povo pobre e aos pequenos proprietários que estão falindo no meio de uma catástrofe humanitária.

É também a certeza da impunidade de um sistema que protege os ricos e prende os pobres e pretos; de um sistema que permite que o papai dê meia dúzia de gritos e livre a cara do filho. Não pode-



MP aponta que miliciano Adriano era parte do esquema de ‘rachadinh’

mos olhar para isso e achar normal ou que é apenas mais um caso.

Bolsonaro não para de causar milhares de mortes e se recusa a dar auxílio decente para que se possa fazer lockdown.

Enquanto isso, existe o risco de seu filho sequer ser investigado.

Temos que nos revoltar contra isso e contra todas as barbaridades dessa quadrilha, a começar pelo chefe. Fora Bolsonaro, Mourão e a gangue toda!

BRASIL EM COLAPSO

Bolsonaro promove genocídio deliberado no país

 DA REDAÇÃO

No dia 1º de janeiro, o Brasil ultrapassava as 195 mil mortes por COVID-19. Até 9 de março, apenas 69 dias depois, mais 73 mil pessoas morreram, das quais mais de 10 mil, na primeira semana de março. Uma reportagem do jornal Valor Econômico revelou que a cúpula do Ministério da Saúde espera uma explosão de casos e mortes no período, com os óbitos ultrapassando a barreira dos 3.000 por dia.

O sistema de saúde do Brasil está em colapso de norte a sul. Faltam leitos de UTI e vai faltar medicamento e oxigênio, enquanto contêineres são colocados na frente de hospitais para acomodar os cadáveres. A tragédia que vimos em Manaus em janeiro será uma barbárie em escala nacional. Isso significa que pacientes que precisarem de um leito de UTI, mesmo por outro problema de saúde, morrerão por falta dele.

“Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?” Foi isso que Bolsonaro falou sobre as mais de 260 mil mortes registradas no dia 5 de março. Diante de tudo o que Bolsonaro faz, fala e defende, a melhor palavra para descrever sua ação política é genocídio.

No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, genocídio é definido como: “crime contra a humanidade, que consiste em, com o intuito de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, cometer contra ele qualquer dos atos seguintes: matar membros seus, causar-lhes grave lesão à integridade física ou mental; submeter o grupo a condições de vida capazes de o destruir fisicamente, no todo ou em parte.”

Não é por incompetência ou por desgoverno que a pandemia está fora de controle no Brasil. É uma política deliberada de espalhar o vírus. O caos é planejado. A população é deixada exposta ao vírus de propósito, enquanto Bolsonaro e Pazzuello vomitam mentiras todos os dias. O governo se recusa a adotar as normas sanitárias e as medidas que podem reduzir a contaminação. Por isso chegamos a 270 mil mortes.

O genocídio de Bolsonaro está registrado nas falas, nas normas e nas ações que seu governo tomou desde o início da pandemia. O Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (Cepedisa) da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e a Conectas Direitos Humanos, apresen-



taram um estudo no qual mostram as ações tomadas pelo governo Bolsonaro em resposta à COVID-19 no Brasil. São portarias, medidas provisórias, resoluções, instruções normativas, leis, decisões e decretos e falas públicas de Bolsonaro que compõem o roteiro do genocídio sanitário brasileiro.

Segundo a pesquisa, “os resultados afastam a persistente interpretação de que haveria incompetência e negligência de parte do Governo Federal na gestão da pandemia. Bem ao contrário, a sistematização de dados (...) revela o empenho e a eficiência da atuação

da União em prol da ampla disseminação do vírus no território nacional”.

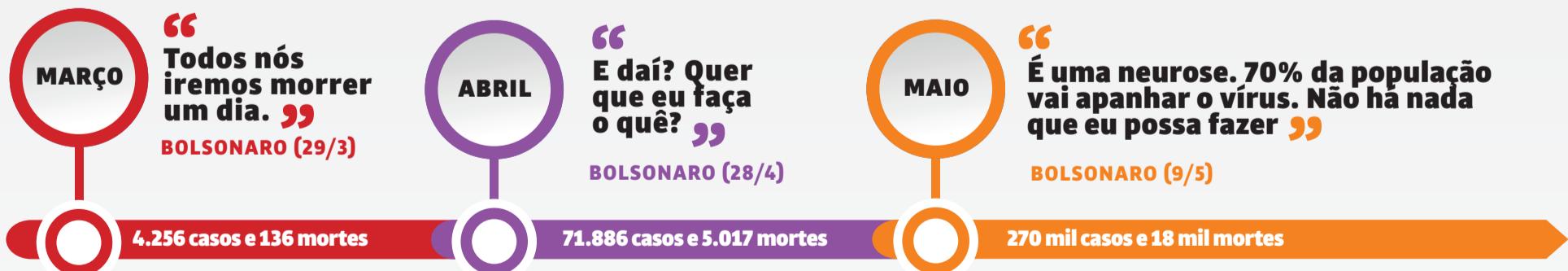
Apresentamos abaixo uma linha do tempo das ações tomadas por Bolsonaro e de suas declarações subestimando a pandemia, seu desprezo pelas vítimas, sua campanha contra a vacinação em prol de medicamentos ineficazes como a cloroquina, a promoção de aglomerações e o combate ao uso de máscaras e a qualquer isolamento social, entre uma enxurrada de mentiras e covardia.

Não é por acaso que pelo menos três comunicações no

Tribunal Penal Internacional relacionam genocídio e outros crimes contra a humanidade à atuação de Bolsonaro e membros do governo ligados à pandemia. Não há certeza de que essas ações possam punir Bolsonaro no futuro nem podemos esperar por isso.

Nesse momento, Bolsonaro é o capitão-covid, um obstáculo para acabar com a pandemia e, por isso, precisa ser removido imediatamente. Fora Bolsonaro e Mourão! Esse será o primeiro passo para que o povo pobre e trabalhador possa fazer um acerto de contas com esse governo.

PASSO A PASSO DO GENOCÍDIO ORQUESTRADO POR BOLSONARO



Funai emite uma portaria para ter acesso de não indígenas, “em caráter excepcional”, com o objetivo de realizar “atividades essenciais” em territórios de povos isolados. A medida busca contaminar os indígenas que nunca tiveram contato com a COVID-19.

Bolsonaro demite Luiz Henrique Mandetta, ministro da Saúde, por ele discordar sobre o uso da cloroquina. Congresso aprova o auxílio emergencial de R\$ 600; a proposta do governo era de R\$ 200.

Bolsonaro decreta que construção civil, salões de beleza, barbearias, academias e serviços industriais em geral passam a ser atividades essenciais que não poderiam ser interrompidas na quarentena. Bolsonaro veta o auxílio emergencial de R\$ 600 a pescadores artesanais, taxistas, motoristas de aplicativo, motoristas de transporte escolar, entregadores de aplicativo, profissionais autônomos de educação física, ambulantes, feirantes, garçons, babás, manicures, cabeleireiros e professores contratados que não recebiam salário. O novo ministro da Saúde, Nelson Teich, demite-se por não concordar com a recomendação de uso da cloroquina. O general Eduardo Pazuello o substitui e confessa que antes de assumir “nem sabia o que era o SUS”. Ministério da Saúde determina o uso de cloroquina para COVID-19. O Conselho Nacional da Saúde denuncia que mais de R\$ 8 bilhões destinados ao combate à pandemia deixaram de ser repassados aos estados e municípios, que sofrem com a falta de insumos básicos, respiradores e leitos.

FALTAM VACINAS

Vacinação lenta e as mentiras de Pazuello

O Brasil é o epicentro da pandemia mundial, mas a campanha de vacinação não tem um cronograma confiável e anda a passos de tartaruga. Até o dia 8 de março, só 4,01% da população havia recebido a vacina, e apenas 1,35%, a segunda dose. As doses disponíveis no país eram 10,9 milhões.

Até o momento, o Brasil só tem compra de vacina para imunizar 65% de sua população, muito longe de garantir a imunidade coletiva de mais de 70%. E sabe-se lá quando elas serão entregues, isso se forem entregues algum dia...

A verdade é que não há vacina suficiente a curto e médio prazo (em março, abril e maio), pois o governo se recusou a comprá-las quando devia. Bolsonaro sequer gastou o dinheiro reservado à compra dos imunizantes. Até 19 de fevereiro, foram gastos míseros 9% do dinheiro liberado em caráter de urgência e emergência para a compra e o desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19.

Todo dia o governo mente sobre as vacinas, e o ministro Pazuello é quem coordena a campanha de mentiras. Divulga projeções de vacinação



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2PPG7ZN](https://bit.ly/2PPG7ZN)

e, dias depois, as altera, diminuindo a previsão feita antes. Pazuello disse que o Brasil receberia 15,2 milhões de doses da AstraZeneca/Oxford

em março, mas voltou atrás e disse que vão chegar apenas 3,8 milhões.

Em 17 de fevereiro, o ministro havia divulgado uma

estimativa de cerca de 46 milhões de doses para este mês. Depois o número caiu para 38 milhões, depois para 28 milhões... e vai cair mais.

Pazuello quer enganar a população sobre as vacinas. O resultado é que no pior momento da pandemia no Brasil não temos vacinas e, provavelmente, até o final do mês, o país vai superar os 300 mil óbitos.

Para piorar, no dia 6 de março, Bolsonaro enviou uma comitiva de inúteis à Israel (chefiada pelo chanceler Ernesto Araújo) para avaliar um spray milagroso que não tem comprovação científica de eficácia. No embarque, a tal comitiva falou em apresentar a “vacina brasileira” que está sendo desenvolvida – mais uma do rol de mentiras do governo.

PROGRAMA

Vacina para todos já! Fora Bolsonaro, Mourão e Pazuello!

Bolsonaro é o maior militante a favor do vírus. Seu governo de morte é um obstáculo para a vacinação. Só a luta e a mobilização botarão abaixo esse governo miliciano. Tirá-lo de lá é condição fundamental para enfrentar a pandemia e salvar vidas.

Vacinação em massa já!

PASSO A PASSO DO GENOCÍDIO ORQUESTRADO POR BOLSONARO

JUNHO

“
A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo. ”
BOLSONARO (2/6)

555.383 casos e 31.199 mortes
Governo deixa de divulgar dados sobre a COVID-19 numa tentativa de encobrir os números de doentes e de mortos.

JULHO

“
Levaram um certo pânico à sociedade no tocante ao vírus. ”
BOLSONARO (7/7)

1.674.655 de casos e 66.868 mortes
Bolsonaro veta a obrigatoriedade do uso de máscara em estabelecimentos comerciais e industriais, templos religiosos, escolas e demais locais fechados.

Veta multa aos estabelecimentos que não disponibilizam álcool em gel a 70% em locais próximos às entradas, elevadores e escadas rolantes.
Veta a obrigação de os estabelecimentos fornecerem gratuitamente a seus funcionários máscaras de proteção individual.
Veta medidas de proteção para comunidades indígenas durante a pandemia, entre elas o acesso à água potável, materiais de higiene e limpeza, leitos hospitalares e máquinas de oxigenação; veta também a obrigação do governo de distribuir alimentos aos povos indígenas durante a pandemia, na forma de cestas básicas. Exército paga 167% a mais pelo principal insumo da cloroquina.

AGOSTO

“
Vamos tocar a vida. ”

BOLSONARO, QUANDO O PAÍS REGISTROU 100 MIL MORTES (8/8)

3.013.369 casos e 100.543 mortes
Bolsonaro ignora a proposta da Pfizer que garante a entrega do primeiro lote de vacinas em 20 de dezembro de 2020.
Pazuello rejeita a doação de 20 mil kits de testes PCR para COVID-19 da empresa LG International dois meses após a oferta.

PERIGO MUNDIAL

Mutação no Brasil ameaça vacinas

O negacionismo de Bolsonaro, sua campanha contra o lockdown e a quarentena fake dos governadores levaram a uma situação muito perigosa. O Brasil pode se transformar num laboratório para variantes do coronavírus, que são mutações que podem escapar da imunização das vacinas. A falta de isolamento social combinada com a vacinação em ritmo lento já produziu variantes como a P.1 e E484k (que dribla anticorpos).

Não por acaso, o editorial do dia 4 de março do jornal estadunidense The Washington Post estampou a manchete “O solo

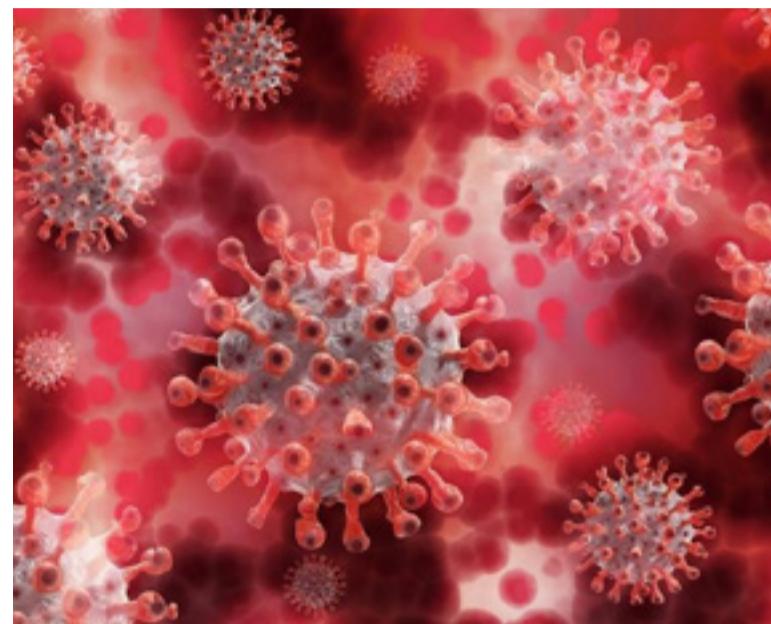
fértil para variantes do Brasil é uma ameaça ao mundo inteiro”. Alguns dos jornais mais importantes do mundo, o britânico The Guardian e o estadunidense The New York Times publicaram reportagens com cientistas alertando que o avanço da doença no Brasil se tornou uma ameaça global.

O contato de pessoas vacinadas com as novas variantes, que surgem no descontrole total da pandemia, propicia o surgimento de mutações superpotentes, capazes de driblar a ação do imunizante. Se isso acontecer, o mundo inteiro volta para a esta-

ca zero na erradicação da pandemia, e mais milhões vão morrer.

Por isso é fantasiosa a noção de imunidade de rebanho, como defende por Bolsonaro. Essa imunidade não existe sem vacinação, e o genocida sabe disso. Apenas uma vacinação em massa pode interromper garantir imunidade.

As mutações também acabaram com a farsa do quadro das pessoas recuperadas publicado pelo Ministério da Saúde para esconder o número de óbitos. As pessoas que foram infectadas e se recuperaram podem infectar-se de novo com as novas variantes



SAIBA MAIS

O que é uma mutação

Quando se reproduz, o vírus pode produzir uma mutação, uma modificação de sua estrutura que o torna mais contagioso e mais mortal. Quanto mais o vírus circula na população, maior são as chances de produzir essas novas variantes.

Em abril do ano passado, Manaus (AM) mergulhou no primeiro colapso da saúde. Em maio, os governos reabriram tudo, até tentaram voltar às aulas presenciais. O vírus circulou livremente. Foi assim que surgiu a variante P.1, que agora toma o país, e outra mutação ainda mais perigosa, a E484k, que reduz a eficácia dos chamados anticorpos neutralizantes.

Há pouquíssimas pessoas vacinadas, e sem isolamento social o vírus pode entrar na célula humana, e se deparar com uma quantidade ainda pequena de anticorpos da vacina. Assim, a variante, ao se replicar, pode promover mutações mais resistentes a esses anticorpos. Esse seria o fim das vacinas.

GARANTIR A VACINAÇÃO

Quebrar as patentes e produzir vacinas em massa

Hoje há subprodução de vacinas em todo o mundo. Isso ocorre por que grandes monopólios farmacêuticos têm a exclusividade sobre a fórmula e a produção de vacinas. É o que chamamos de patente. Assim, as farmacêuticas aproveitam para ganhar muito dinheiro e impedem a produção em massa das vacinas.

É preciso quebrar as patentes e garantir a produção massiva de vacinas. Sem a exclusividade das farmacêuticas, o Brasil poderá usar o Butantan e a Fiocruz para isso. Junto com a capacidade do SUS de vacinar dois milhões de pessoas por dia, o Brasil poderia erradicar o vírus em quatro meses.

Quebrar patentes não vai trazer retaliações ao Brasil, como diz Bolsonaro. Os governos anteriores do PSDB e do PT já fizeram isso. Quebraram as patentes de medicamentos para o HIV, o que permitiu a sua produção aqui no país e o seu barateamento.

Bolsonaro é contra a quebra de patentes e, como um capacho do imperialismo, fez o Brasil votar contra a medida em reuniões da OMC, junto com os Estados Unidos e a União Europeia.



PASSO A PASSO DO GENOCÍDIO ORQUESTRADO POR BOLSONARO



“Estamos praticamente vencendo a pandemia.”
BOLSONARO (11/09)

4.283.978 casos e 130.474 mortos



“Vacina obrigatória só aqui no Faísca.”
BOLSONARO DIZENDO QUE SEU CACHORRO TOMARÁ VACINA (24/10)

5.381.224 casos e 156.926 mortes



“Temos que deixar de ser um país de maricas.”
BOLSONARO, FALANDO PARA POPULAÇÃO ENFRENTAR O VÍRUS (11/11)

5.811.699 casos e 164.855 mortes

Uma resolução da Diretoria Colegiada da Anvisa permite a prescrição de ivermectina e nitazoxanida, dispensando a retenção de receita em farmácias. O governo diz que eles são eficazes, mas estudos científicos mostram que eles são inúteis.

Bolsonaro cancela a compra de 46 milhões de doses da vacina chinesa Coronavac pelo Ministério da Saúde. “O povo brasileiro não será cobaia de ninguém”, diz o genocida. Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovações (MCTI) anunciou que os estudos com o vermífugo nitazoxanida conseguiram reduzir a carga viral em casos de COVID-19. Até hoje nenhuma evidência ou dados da suposta eficácia foram apresentados.

Uma reportagem do Estado de São Paulo descobre que o Ministério da Saúde retém quase 7 milhões de testes para o diagnóstico de COVID-19 que perderiam a validade entre dezembro e janeiro. Os exames estavam estocados num armazém do governo federal. O SUS havia aplicado cinco milhões de testes até aquele momento.

CENTRAIS

LOCKDOWN É NECESSÁRIO

Quem promove desemprego é a pandemia

Bolsonaro faz uma intensa campanha contra o lockdown. Seu argumento é que a medida causaria o colapso da economia, levando empresas e comércio à bancarrota. Portanto, diz ele, ser contra o fechamento é defender os empregos. "Se não morrer de COVID vão morrer de fome", é um dos lemas de sua propaganda.

Trata-se de uma óbvia tentativa de se safar da responsabilidade por garantir emprego e a não deixar que pequenos comércios vão à falência. Bolsonaro não quer gastar com al-



gum auxílio emergencial digno nem oferecer ajuda aos pequenos comerciantes que têm seus negócios ameaçados. Por isso repete outra mentira e diz que "o país está quebrado". Na

verdade, enquanto muitos perdem seu emprego ou fecham seus pequenos negócios, poucos magnatas ganham dinheiro como nunca (leia na página 11).

Por culpa de Bolsonaro, o

total descontrole da pandemia ameaça as expectativas de retomada da economia, projetada em 3,5% para 2021, o que na prática significa quase estagnação em relação ao trimestre final de 2020. Soma-se a isso a inflação da comida, que foi de mais de 20% em 2020 e ainda será o dobro da inflação média em 2021.

Mas tudo que está ruim pode piorar. Ao não interromper a circulação do vírus, principalmente agora que suas mutações mais infecciosas circulam pelo país, e manter a extrema lentidão da vacinação

da população, o Brasil poderá demorar muito mais para controlar a pandemia do que muitos outros países. Foi justamente a reabertura em Manaus que produziu novas mutações que assolam o país neste momento.

Nesse cenário de descontrole total, o Brasil poderá demorar anos para voltar ao normal e vai afundar mais na crise econômica, com aumento do desemprego e da falência dos pequenos negócios. Será uma catástrofe para a vida de milhões de brasileiros.

PROGRAMA

Lockdown por 30 dias já!

O lockdown combinado com vacinação em massa é uma necessidade para deter a circulação do vírus e de suas cepas mais virulentas. Até hoje nenhum governo aplicou uma quarentena de verdade. Os governadores adotaram medidas muito incompletas, como a interrupção parcial de atividades durante a noite e a madrugada, como se o vírus só tivesse hábitos noturnos.

As grandes concentrações, como transportes superlotados, as aglomerações no trabalho e no comércio, as aulas em escolas ocorrem durante o dia e possibilitam a livre circulação do vírus. Por isso é hipocrisia a adoção desse tipo de medida que só desmoraliza a quarentena aos olhos da população, fortalece as mentiras de Bolsonaro e mobiliza sua corja na campanha em prol da COVID-19.

É preciso parar as grandes fábricas, as grandes lojas do tipo Havan, Riachuelo etc., com estabilidade no emprego e manutenção dos salários. Em vários países, como Alemanha e Nova Zelândia, houve lockdown total, com garantia de auxílio financeiro para que pequenos negócios não quebrem.

Para garantir uma quarentena para valer, é preciso auxílio emergencial de R\$ 600 reais no mínimo até o fim da pandemia para os trabalhadores e medidas para proteção dos empregos. Para os pequenos comerciantes ameaçados de falência, também é preciso um auxílio emergencial e suspensão de impostos e taxas.

SISTEMA

Pandemia revela face brutal do capitalismo

A pandemia expõe a face real do capitalismo, um sistema voltado para o lucro e a acumulação de dinheiro, que é cada dia mais destrutivo. Suas crises econômicas promovem um rastro de morte, desemprego e destruição. A atual crise condena

os trabalhadores à pobreza e à miséria, enquanto uns poucos bilionários batem recorde de lucros. Um único bilionário tem dinheiro suficiente para alimentar milhões de pessoas. O capitalismo destrói o meio ambiente, promove o aquecimento global

e vai causar novas pandemias no futuro.

A acumulação capitalista não pode parar, por isso não se pode parar o sistema para combater a pandemia e salvar a vida de milhões de pessoas. Mas há uma contradição nisso. Ao per-

sistir a pandemia, a própria economia capitalista não consegue funcionar normalmente.

Se tudo ficar aberto com todo mundo aglomerado, como defende Bolsonaro, a pandemia nunca acabará devido a novas mutações e ao escape das va-

cinas. Isso vai empurrar a economia ainda mais para baixo.

Precisamos de uma sociedade socialista que não seja regida pelo lucro, ecologicamente sustentável, que coloque a vida humana e seu desenvolvimento em primeiro lugar.

PASSO A PASSO DO GENOCÍDIO ORQUESTRADO POR BOLSONARO



“
Eu não vou tomar vacina e ponto final. ”

DEZEMBRO
BOLSONARO EM CAMPANHA CONTRA A VACINA (15/12)

223.971 óbitos. Total de casos: 9.175.194

Ministério da Saúde apresenta o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação. O governo, porém, ainda não tem vacina a oferecer nem cronograma confiável de vacinação.

O Ministério da Educação publica portaria que determina a volta presencial às aulas nas instituições de educação superior de ensino a partir de 4/1/2021. Depois volta atrás e transfere a retomada das aulas presenciais para 1º/3/2021.



“
Não é competência nossa nem atribuição levar o oxigênio pra lá ”

JANEIRO
BOLSONARO, SOBRE A FALTA DE OXIGÊNIO EM MANAUS (30/1/21)

Neste dia, 55.717 novos casos e mais 1.196 mortes

Bolsonaro veta parte da Lei Complementar nº 177, de 12/1/2020, aprovada pelo Congresso, e retira R\$ 9,1 bilhões dos investimentos em ciência e tecnologia. A ação impede que o Brasil desenvolva uma vacina contra a COVID-19, apesar de ter infraestrutura e recursos humanos suficientes.

Em ofício encaminhado à Prefeitura de Manaus, o Ministério da Saúde pressiona para o uso de medicamentos sem eficácia, como cloroquina e ivermectina.

Em meio ao colapso da saúde em Manaus, a Advocacia-Geral da União recorre da decisão judicial que suspendeu a aplicação do Enem no Amazonas.

RICOS MAIS RICOS

Onde está o dinheiro?



DA REDAÇÃO

“O Brasil está quebrado, não consigo fazer nada”, choramingou Bolsonaro no início do ano ao tentar justificar o descalabro de seu governo diante da maior crise econômica, social e sanitária do país.

Recentemente, lançou mão de outra narrativa. Postou nas redes sociais valores que teria repassado aos estados, dando a ideia de que havia despejado bilhões aos governadores para o combate à pandemia.

De tudo isso, o que é verdade? O país está mesmo quebra-

do? Bolsonaro repassou bilhões que foram desviados pelos governadores?

A realidade é que se o país está quebrando é porque Bolsonaro mergulha o Brasil numa crise sem precedentes ao negar a vacina e privilegiar os bilionários, as grandes empresas e os



Véio da Havan, Luciano Hang, é apoiador de Bolsonaro e recebeu 55 empréstimos do BNDES

banqueiros, enquanto ataca os trabalhadores e o pequeno negócio e entrega o país.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3T5SDCL](https://bit.ly/3T5SDCL)

DESIGUALDADE

Bilionários, banqueiros e grandes empresários riem à toa

Quem está quebrado é o trabalhador, a população pobre e os que vivem do pequeno negócio. A pandemia fez disparar a desigualdade social. A pesquisa Pnad-IBGE mostra que os 10% mais ricos viram sua renda diminuir só 3% durante a pandemia. Já os 40% mais pobres perderam 30%.

A pesquisa, porém, não consegue pegar os ganhos de quem realmente está no topo da pirâmide. Essa gente não perdeu

nem esses 3%. Pelo contrário, os muitos ricos ficaram mais ricos ainda. Só em 2020, o Brasil ganhou 33 novos bilionários, grandes empresários do ramo varejista, industrial e financeiro. O Brasil tem hoje 238 bilionários cujas fortunas somam a quantia impressionante de R\$ 1,6 trilhão.

Enquanto o desemprego explodiu, as grandes empresas e os bancos mantêm ou aumentam seus lucros (veja o quadro). Uma amostra dessa desigualdade perversa é o aqueci-

mento do mercado imobiliário de luxo, que aumenta na mesma proporção que as filas de desempregados para receber comida.

“Só em 2020 o Brasil ganhou 33 novos bilionários. Já os 40% mais pobres perderam 30%.”

“o presidente está fazendo um bom trabalho, está sendo bem autoritário, bem decisivo”. Para o barão, ele não só manteria o

brado, está muito bem, obrigado. A questão é que Bolsonaro atua justamente para os muito ricos ficarem mais ricos ainda, à custa do aumento da exploração, da pobreza e da miséria. É por isso que, em plena pandemia, a prioridade é proteger os lucros dos grandes bancos e empresas, atacando os serviços públicos, retirando direitos, suspendendo contratos de trabalho, entregando o país e sabotando qualquer medida de distanciamento social.

GRANDES EMPRESAS LUCRAM NA PANDEMIA

VALE
R\$ 24,9 bi

GERDAU
R\$ 2,6 bi

USIMINAS
R\$ 1,29 bi

ambev
R\$ 11,7 bi

O BRASIL QUE NÃO QUEBRA

33 novos
bilionários
em 2020

238
bilionários
no total

R\$ 1,6 trilhão
de fortuna
acumulada

QUE OS RICOS PAGUEM PELA CRISE

Tirar dinheiro de onde tem para combater a pandemia

O que Bolsonaro não diz é que o governo tem sim instrumentos para tirar o dinheiro de onde ele está: dos bolsos dos super-ricos e

dos cofres das grandes empresas e dos bancos. Assim, será possível financiar um auxílio emergencial de verdade; manter os pequenos

negócios; investir em saúde com a construção de novos leitos de UTI e, principalmente, investir na vacinação da população.

PROGRAMA

Imposto emergencial de 30% sobre os bilionários garantiria R\$ 480 bilhões, mais de dez vezes o que se pretende gastar com o atual arremedo de auxílio.

Fim das isenções às grandes empresas garantiria mais R\$ 300 bilhões.

Proibição das demissões, com a estatização das grandes empresas e dos bancos que insistirem em demitir.

Imposto fortemente progressivo. Estudo recente da USP mostra que aumentando em apenas 1% a tributação dos mais ricos daria para transferir R\$ 125 aos 30% mais pobres.

Reestatização das empresas privatizadas, sob o controle dos trabalhadores, colocando-as a serviço dos trabalhadores e do povo pobre.

Proibição das remessas de lucro e estatização do sistema financeiro sob controle dos trabalhadores.

NÃO CAIA EM FAKE NEWS

Na briga entre Bolsonaro e governadores, quem se dá mal é você

Bolsonaro divulgou a lista de repasses aos estados. Além de juntar alhos com bugalhos, misturando repasse obrigatório com auxílio emergencial, os números de Bolsonaro não mostram que é a União que mantém os estados, mas o contrário.

Repasso dos estados em impostos: R\$ 1,479 trilhão

Repasso da União a estados e municípios: R\$ 837 bilhões

Esses impostos vêm da classe trabalhadora e do povo pobre, que arcaram com a alta e injusta carga tributária do país.

Mesmo assim, os governadores não têm nada de santos. Em geral seguem a política de ajuste de Paulo Guedes, sem falar nos esquemas de corrupção que existem em todas as esferas de governo. Doria em São Paulo, por exemplo, em plena pandemia, cortou R\$ 80 milhões da Santa Casa em janeiro.

CÚMPLICES

Governo e Congresso Nacional aprovam auxílio emergencial de fome

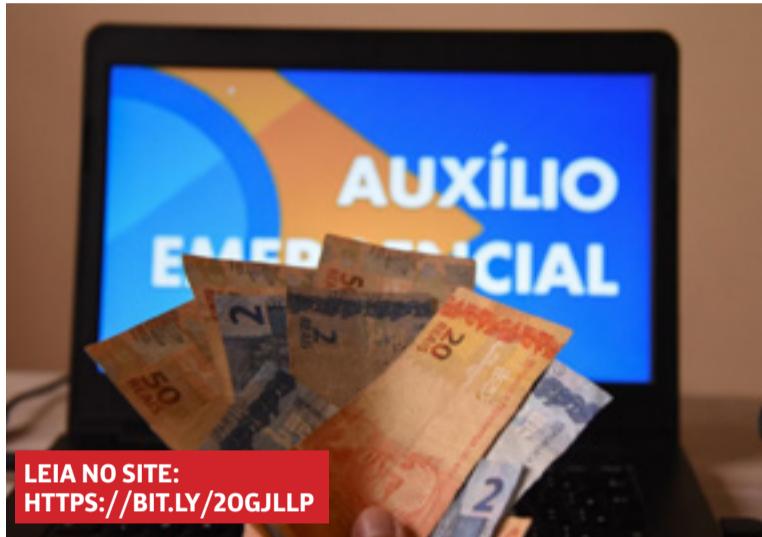
Novo auxílio emergencial não cobre metade de uma cesta básica e boicota quarentena



DA REDAÇÃO

O Congresso Nacional está prestes a votar na Câmara dos Deputados a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) emergencial que destravaría uma nova rodada do auxílio emergencial, extinto desde janeiro. A medida foi aprovada pelo Senado no dia 4 de março e não deve ter maiores dificuldades para passar pela Câmara.

A PEC é uma chantagem do governo Bolsonaro e de Paulo Guedes para liberar o auxílio emergencial. Em troca do novo benefício, o Congresso deve incluir na Constituição uma série de medidas de ajuste fiscal. Guedes vem justificando à imprensa que o governo não poderia conceder o benefício sem a PEC, mas a verdade é que o governo poderia simplesmente ter baixado uma Medida Provisória retomando o auxílio de R\$ 600 a todos que dele dependiam. Mas não: condicionou o auxílio a mudanças na Constituição para tirar ainda mais dinheiro da saúde e da educação e pagar banqueiro milionário.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2OGJLLP](https://bit.ly/2OGJLLP)

É uma situação duplamente perversa: crava na Constituição medidas de ajuste fiscal permanentes em troca de um auxílio irrisório com duração de quatro meses. A PEC estima o limite de R\$ 44 bilhões para o novo auxílio, mas a expectativa do governo é gastar bem menos, algo entre R\$ 35 bilhões e R\$ 36 bilhões. Para efeito de comparação, no ano passado, o auxílio emergencial representava R\$ 59 bilhões por mês antes de ser cortado pela metade.

Esse valor irrisório pagaria um auxílio absolutamente insuficiente para manter uma família ou um desempregado durante o mês.

Uma família receberia R\$ 250, menos da metade do auxílio original; mãe de família solteira, R\$ 375 (sendo que em 2020 tinham direito a R\$ 1.200); e homens que moram sozinhos, R\$ 175. Isso não chega nem perto do preço de uma cesta básica, calculada em R\$ 654 na capital paulista. É em média menos de um quarto do salário mínimo, que já é de fome, R\$ 1.045, quando o mínimo indicado pelo Dieese é de R\$ 5.403. O número de famílias “beneficiadas” permanece uma incógnita.

AUXÍLIO NÃO COMPRAR NEM METADE DA CESTA BÁSICA



Cesta básica: R\$ 654*

*São Paulo, capital, de acordo com cálculo do Dieese



Valor médio do auxílio: R\$ 250

(38% de uma cesta básica)



Mulheres arrimo de família: R\$ 375

(57% de uma cesta básica)



Homens sós: R\$ 170

(26% de uma cesta básica)



Salário mínimo: R\$ 1.045



Salário mínimo do Dieese: R\$ 5.403

Esse arremedo de auxílio não é suficiente para manter as pessoas em casa, já que nem mesmo os R\$ 600 eram suficientes. Ou seja, é um boicote ao lockdown e às medidas de distanciamento social. Junto com as quarentenas “mais ou menos” dos estados, não vai servir para combater a pandemia, reforçando a narrativa bolsonarista de que fechar a economia não contém a pandemia e causa desemprego. O Congresso Nacional se torna, assim, cúmplice da política genocida de Bolsonaro de espalhar o vírus e impedir uma quarentena de fato que possa parar a escala de mortes.

mia, reforçando a narrativa bolsonarista de que fechar a economia não contém a pandemia e causa desemprego. O Congresso Nacional se torna, assim, cúmplice da política genocida de Bolsonaro de espalhar o vírus e impedir uma quarentena de fato que possa parar a escala de mortes.

BOLSA BANQUEIRO



Auxílio permanente para os banqueiros

Se o auxílio emergencial é temporário, os diversos mecanismos de ajuste fiscal colocados no texto serão permanentes. Um deles estabelece um gatilho que proíbe reajuste de salários de servidores e abertura de concurso público quando despesas de estados e municípios ultrapassarem 95% do total das receitas. No caso

do Governo Federal, esse gatilho é acionado quando os gastos obrigatórios chegam a 95%.

Além das medidas de ajuste que penalizam ainda mais os servidores e os serviços públicos em plena pandemia, os senadores ainda desvincularam a Receita Federal de um fundo que custeia 70% do órgão.

PROGRAMA

Auxílio emergencial de R\$ 600 já e enquanto durar a pandemia



Uma quarentena de pelo menos 30 dias e vacinação em massa são necessidades urgentes. Dinheiro para manter as pessoas em casa e os pequenos e médios negócios vivos, também. Basta tirar de quem tem: os super-ricos, os banqueiros, as grandes multinacionais e as grandes empresas.

Só em 2020, tivemos uma fuga de capitais da ordem de R\$ 87,5 bilhões, mais que o dobro que o governo pretende gastar com o arremedo de auxílio. Por que não proibir as remessas de lucros e transferir para o custeio do auxílio? Porque Bolsonaro e Guedes governam para

os super-ricos, os banqueiros e os grandes empresários.

Acabando com a remessa de lucros, proibindo a fuga de dólares e taxando a fortuna dos 43 bilionários que existem no país (o que daria cerca de R\$ 325 bilhões), daria para garantir o auxílio de R\$ 600 (que ainda é pouco, deveria ser de pelo menos um salário mínimo) enquanto durar a pandemia. Taxando os lucros das grandes empresas, por sua vez, seria possível bancar o pequeno e médio negócio, que concentram a maior parte dos empregos do país, com o Estado bancando a folha de pagamento das empresas com até 20 funcionários.

PROGRESSISMO

As ilusões sobre a distribuição de renda

BERNARDO CERDEIRA,
DE SÃO PAULO (SP)

Nesse segundo artigo de nossa série sobre o “progressismo”, vamos abordar um tema especialmente caro para as organizações que se abrigam sob essa denominação: o das políticas e reformas de distribuição de renda.

Essa discussão parte de uma realidade. O sistema capitalista empurra a classe trabalhadora e os setores populares para a barbárie: pandemia, catástrofe sanitária e social, aumento do desemprego, da pobreza e da fome e uma crescente desigualdade social.

Frente a essa situação, as organizações, os partidos e os governos ditos progressistas defendem políticas de distribuição de renda, como o Bolsa Família, no Brasil, as missões, na Venezuela, o Bônus Juancito Pinto, na Bolívia, e outros programas semelhantes implementados por Lula, Chávez, Evo Morales e outros.

Essas políticas de transferência de renda ou políticas sociais compensatórias, aprovadas até pelo Banco Mundial, tornaram-se um ponto central da propaganda

dos progressistas. Eles agitam estatísticas que mostram quantos saíram da miséria com esses programas.

Antes de analisar essas políticas, é preciso elucidar dois pontos. Primeiro, o debate é sobre reformas que melhoram a vida dos trabalhadores e dos pobres, não o que atualmente a burguesia chama “reformas”, como a trabalhista ou a da Previdência, que não passam de contrarreformas para retirar direitos do povo.

Segundo, ninguém que defenda a classe trabalhadora e o povo pobre pode opor-se a reformas que melhorem suas condições de vida. O que queremos discutir é se essas reformas resolvem a situação desses setores sociais.

Nós afirmamos que não, porque são políticas muito inferiores às reais necessidades da população pobre. Não resolvem a desigualdade social e não são duradouras. Pelo contrário, são efêmeras.

O programa dos progressistas, como o PT e o PSOL, limita-se a defender algumas mudanças na distribuição de renda porque sua estratégia não é destruir o sistema capitalista de exploração, mas humanizá-lo. Aliás, as reformas que os progressistas



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2OLKTED](https://bit.ly/2olkTED)

propõem são cada vez mais tímidas e insuficientes. É o que vamos ver em seguida.

NÃO PROMOVEM UMA VERDADEIRA DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA

Em primeiro lugar, é preciso dizer que essas políticas não são uma política verdadeira de transferência de renda dos mais ricos, os bilionários, para os mais pobres. O que explica isso? As verbas para estes programas vêm do orçamento dos estados, isso é, têm origem no dinheiro público que, por sua vez, vem da arrecadação de tributos.

No capitalismo, a arrecadação de impostos (ou dos tributos em geral) que sustentam os custos do aparato do Estado tem origem na

mais-valia gerada pelos trabalhadores e expropriada pelos capitalistas. Uma parte dessa mais-valia é repassada pelas empresas ao Estado ou é paga pelos capitalistas individuais. De qualquer forma, os impostos são pagos pelos trabalhadores e pelos setores médios.

No Brasil, isso é pior, porque a receita tributária vem principalmente dos impostos sobre o consumo (55%) que as empresas devem recolher ao estado (ICMS, IPI e outros). As empresas também devem recolher sua parte da contribuição previdenciária e verbas sociais. Tudo isso é repassado para os preços. Ou seja, são os consumidores, principalmente os trabalhadores, setores de classe média e pequenos proprietários. Não existe transferência de renda dos ricos para os pobres, mas sim dos

rios que pagam o custo desses impostos.

Do outro lado da moeda, os impostos sobre a renda das empresas e dos ricos (impostos sobre o patrimônio, heranças e lucros) são muito baixos ou até inexistentes. Por exemplo, os bilionários não pagam um centavo de imposto sobre os dividendos (parte do lucro destinado aos acionistas de uma empresa) porque a legislação brasileira os isenta dessa tributação.

Então, como as políticas de distribuição de renda saem do orçamento do Estado, elas são sustentadas pelos trabalhadores, pela classe média e pelos pequenos proprietários. Não existe transferência de renda dos ricos para os pobres, mas sim dos





pobres. O resultado não é uma diminuição efetiva da desigualdade social. Os ricos continuam muito ricos.

DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NÃO RESOLVE A EXPLORAÇÃO E A DESIGUALDADE

Há um problema mais de fundo. A concentração de riqueza e, por consequência, a desigualdade social crescente são uma tendência inerente ao capitalismo. Por isso, as reformas que têm como objetivo a distribuição de renda são medidas temporárias e ineficazes.

O capitalismo é um sistema de produção de mercadorias por empresas privadas que têm como objetivo a obtenção de lucros. A produção de todas as mercadorias é fruto do trabalho humano. Os capitalistas obtêm seus lucros pagando pela força de trabalho dos trabalhadores só o suficiente para que eles sobrevivam e sustentem sua família. As mercadorias produzidas, no entanto, valem muito mais. Então, o lucro dos capitalistas corresponde a essa diferença: a parte do trabalho dos operários que é expropriado pela burguesia.

Contudo, o capitalista não consome todo o seu lucro. Uma parte deve ser investida na própria empresa, em novas máquinas mais modernas, novas tecnologias, empregados mais especializados. Caso não o faça o ca-

pitalista perde terreno para os seus concorrentes e pode até ir à falência.

Os capitalistas que dispõem de mais capital e o aplicam em medidas para aumentar a sua produtividade, produzem mais com menos custos e vendem mais. Portanto, aumentam sua fatia de mercado em detrimento dos outros. Os mais fracos perdem espaço ou vão à falência. Com esse mecanismo se dá um processo de concentração de capitais e de empresas (menos empresas e maiores e capitalistas mais ricos que acumulam cada vez mais capital).

Por exemplo, há algumas décadas existiam dezenas de bancos no Brasil. Hoje, apenas cinco bancos (Itaú, Bradesco, Santander, Banco do Brasil e Caixa) concentram mais de 80% dos depósitos e empréstimos. Os outros bancos foram comprados por esses gigantes ou faliram.

Na outra ponta, os trabalhadores ficam cada vez mais pobres. A tecnologia, as crises e o fechamento de empresas geram milhões de desempregados. Com isso, os patrões forçam salários menores, empregos temporários, terceirizados ou sem vínculo empregatício. A renda diminui e a desigualdade aumenta.

Portanto o problema da desigualdade social está na produção, quando os trabalhadores geram valor e os ca-

pitalistas, donos das fábricas, expropriam uma parte daquilo que o trabalhador produz.

As medidas de distribuição de renda podem até diminuir a extrema pobreza por um curto período, mas esse efeito dura pouco e não consegue reverter a tendência à concentração de capitais, à acumulação de riquezas nas mãos de poucos capitalistas e à desigualdade crescente. O aumento da pobreza extrema no Brasil e em toda a América Latina nos últimos anos é uma demonstração disso.

OS CAPITALISTAS ATACAM E DESTROEM AS CONQUISTAS

A luta pela renda nacional, que inclui a luta por reformas e melhor distribuição de renda (melhores salários, menos horas de trabalho, direitos trabalhistas, educação e saúde públicas) é uma necessidade dos trabalhadores e dos setores mais pobres para não morrerem de fome. É uma questão de sobrevivência. É uma luta justíssima que se dá com muito esforço e sacrifício (greve, mobilização de rua, enfrentamento com a polícia, presos, feridos e mortos).

Essas lutas geram conquistas e algumas delas são absorvidas pela burguesia que faz concessões com o objetivo de evitar explosões sociais e preservar o capitalismo. Até a ONU e o Banco Mundial falam da necessi-

dade de erradicar a fome e a pobreza e diminuir as desigualdades na sociedade.

Porém essa aceitação é formal e temporária. Na verdade, os capitalistas mantêm uma luta constante para retirar essas conquistas e destruir as reformas que promovem alguma distribuição de renda. É só ver as contrarreformas recentes: Previdência, trabalhista, lei das terceirizações etc. Todas configuram ataques brutais aos trabalhadores.

Como vimos, isso acontece porque os capitalistas têm necessidade de aumentar seus lucros permanentemente para acumular mais capital e enfrentar a concorrência. Concedem alguma coisa com uma mão e retiram com a outra. Quando uma crise econômica ameaça seus lucros, lutam de forma ainda mais desesperada e dramática.

Conclusão: a luta por reformas e por distribuição de renda, apesar de necessária, é uma luta sem fim, que não resolve nem a desigualdade nem a exploração. É como tirar água de um barco furado. Com uma panelinha.

nem em conselhos populares e acabem com a propriedade privada dos meios de produção, expropriando as grandes empresas estrangeiras e nacionais: indústrias, comércios, empresas agrícolas, bancos e todo o sistema financeiro.

Só dessa forma será possível acabar com a acumulação privada, socializar as riquezas e distribuir a renda nacional de acordo com um planejamento discutido e resolvido de forma democrática pelo povo, que acabe com o desperdício e as crises periódicas do capitalismo.

Por isso, sem jogo de palavras, o papel do progressismo não é progressivo. Ao contrário, ao disseminar ilusões entre os trabalhadores e os setores populares de que é possível conseguir um capitalismo que elimine a pobreza e promova uma justa distribuição de renda, está não só enganando o povo, mas contribuindo de forma decisiva para impedir uma luta política que derrube o capitalismo.

E quando estão no governo é pior: passam a ter um



Jeff Bezos viu sua fortuna aumentar graças ao impulso dado pelo coronavírus à Amazon.

PARA TERMINAR COM A DESIGUALDADE É PRECISO ACABAR COM O CAPITALISMO

O fim da desigualdade e a conquista de uma verdadeira e duradoura justiça social só pode se dar com o fim do capitalismo e a construção do socialismo. Para isso, é preciso uma revolução em que os trabalhadores tomem o poder, gover-

papel explicitamente reacionário. Promovem algumas políticas de distribuição de renda só para evitar revoltas e revoluções, mas em geral aplicam a mesma política neoliberal e adotam ações decisivas de repressão às lutas dos trabalhadores em benefício do aumento dos lucros dos capitalistas nacionais e estrangeiros.

AUTORITARISMO

Jovem é preso em Uberlândia por postagem contra Bolsonaro

Na passagem de Bolsonaro por Uberlândia (MG), no dia 4 de março, J.R.S.J., um jovem de 24 anos, foi preso pelo serviço secreto da Polícia Militar (P2) e autuado em flagrante, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Ele foi acusado de incentivar atos violentos ou ilegais para alteração da ordem política ou social e incitar a subversão da ordem política ou social.

O jovem preso fez um tuíte com o seguinte texto: "Bolsonaro em Uidia [Uberlândia] amanhã... alguém fecha virar herói

nacional?" O delegado da PF, responsável pelo inquérito que vai apurar o caso, manteve a prisão em flagrante, sem fiança, a qual foi relaxada pela Justiça Federal, que determinou que o jovem responda o processo em liberdade.

Antes de tudo, é bom destacar que o jovem fez sua publicação no Twitter, uma rede social na qual ironia e humor ácido são algumas das principais características. Fora do contexto desta rede social, a postagem revela uma distorção que busca vitimizar aquele que é um dos que mais

atenta contra a vida humana neste momento, Jair Bolsonaro, com seu negacionismo criminoso.

Mesmo que a ficção policial fosse real, entendemos que as greves e manifestações de ruas são o caminho pelo qual a classe trabalhadora e a juventude podem mudar o país e garantir as transformações sociais e políticas necessárias. Um atentado contra Bolsonaro em nada diminuiria os efeitos da atual política genocida do governo no trato da pandemia. Restariam Mourão e os filhos de Bolsonaro como herdeiros polí-

ticos do bolsonarismo. Além do mais, um suposto atentado serviria para Bolsonaro recuperar

sua popularidade, facilitando o caminho para o fortalecimento de sua política genocida.



CENSURA

A mando de Bolsonaro, Controladoria-Geral intimida professores

A Controladoria-Geral da União advertiu o ex-reitor da Universidade Federal de Pelotas, Pedro Rodrigues Curi Hallal, e o professor Eraldo dos Santos Pinheiro por críticas a Jair Bolsonaro. As advertências foram publicadas nesta terça-feira no Diário Oficial. Segundo a justificativa, os dois proferiram "manifestação desrespeitosa e de desapreço direcionada ao presidente da República"

em uma live feita nas redes da universidade.

No vídeo, os dois comentavam a escolha do novo reitor para a instituição. Ambos só falaram a verdade. Hallal defendeu que o escolhido pelos integrantes da universidade fosse nomeado para a reitoria, afirmou que Bolsonaro "tentou dar um golpe" na comunidade da instituição e chamou o presidente de "defensor de torturador".

Também disse que Bolsonaro é o único chefe de Estado do mundo que defende a não vacinação da população. Hallal coordena a pesquisa Epicovid, que mapeia a COVID-19 no Brasil.

Já Eraldo Pinheiro disse, no mesmo vídeo, que o Brasil está sendo comandado por um grupo liderado por um "sujeito machista, racista, homofóbico, genocida, que exalta torturadores e milicianos".



É preciso repudiar a intimidação feita pela Controladoria-Geral da União. Essa é mais

uma ação perigosa desse governo miliciano de tentar censurar críticas ao capitão-covid.

150 ANOS

LIT-QI terá especial sobre Comuna de Paris

Em 18 de março, recordaremos os 150 anos da eclosão da Comuna de Paris, o primeiro governo operário da história. Nesta data, a LIT-QI publicará um especial com artigos sobre diversos aspectos desta experiência fundamental para o movimento operário e para o marxismo.

Embora tenha durado 72 dias, o estudo da Comuna e as lições teórico-políticas sintetizadas pelo marxismo seguem vigentes. A humilhante derrota do exército de Luís Bonaparte (Napoleão III) na guerra franco-prussiana acelerou um processo

de descontentamento popular. O imperador francês foi aprisionado pelos prussianos, e o Segundo Império Francês desmoronou. Em Paris, a Terceira República foi proclamada, e um governo provisório de defesa nacional foi constituído. Por ordem do chanceler Otto von Bismarck, Paris foi bombardeada e sitiada até a assinatura do armistício em 28 de janeiro de 1871.

A Guarda Nacional se preparou para defender Paris diante da deserção da burguesia francesa e a entrada do exército prussiano. Tratava-se de uma milícia pari-

siense de centenas de milhares de combatentes que elegiam seus próprios oficiais. Com o apoio da população, posicionaram canhões para resistir.

No dia 18 de março de 1871, a burguesia tentou desarmar a Guarda Nacional e o povo de Paris. Contudo, fracassou e parte das tropas regulares se uniram à guarda. O governo francês precisou fugir, e Paris ficou nas mãos do Comitê Central da Guarda Nacional, que convocou eleições no dia 26 de março de 1871, dando início oficial à Comuna de Paris, o primeiro governo operário da história.

A Comuna adotou uma série de medidas que, como Marx escreveu, fizeram dela "um governo da classe operária, fruto da luta da classe produtora contra a classe apropriadora, a forma política enfim descoberta para realizar, dentro dela, a emancipação econômica do trabalho" (A guerra civil da França).

No especial, uma série de artigos abordará distintos aspectos da Comuna, entre eles: o contexto no qual eclodiu; as medidas adotadas; os limites de sua direção e as razões de sua derrota; as posições de Marx, Engels e a



I Internacional; a polêmica entre as correntes que atuaram na Comuna; o papel das mulheres; a questão militar; entre outros.

PARAGUAI

Fora Marito, Cartes, “que se vayan todos”!

A crise sanitária provocou uma rebelião do povo paraguaio contra o governo de Mario Abdo Benítez, do Partido Colorado. Confira abaixo, a análise do Partido dos Trabalhadores (PT) do Praguai, filiado à Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI).



PT-PARAGUAI

A explosão paraguaia que começou na sexta-feira, dia 5, continuou por todo o fim de semana com manifestações em Assunção. No sábado, o Congresso foi cercado, passando em frente ao Panteão dos Heróis e terminando em frente às instalações do Partido Colorado (ANR), onde ressoou um grito de guerra: ANR NUNCA MAIS! Após confrontos com a polícia, oito pessoas foram presas.

No domingo, em número menor, a concentração de manifestantes seguiu até a mansão do ex-mafioso presidente Horacio Cartes. Mais uma vez, a presença majoritária era de vários setores da juventude.

As mobilizações, além de crescentes em número, não visam apenas o atual governo, mas toda a política tradicional. Não por acaso, uma das canções mais populares era: “¡Que se vayan todos, que no quede un solo!” Por isso, os manifestantes adotaram o slogan: “¡Ni Marito, Ni Cartes!” [Horacio Cartes, vice-presidente].

OS PRIMEIROS A CAIR DO EXECUTIVO

A reação do presidente foi a de tirar mais três membros de seu gabinete: Eduardo Petta (mi-

nistro da Educação), Juan Carlos Villamayor (chefe da Casa Civil) e Nilda Romero (ministra da Mulher), como se essas mudanças cosméticas pudessem acalmar a raiva de baixo.

Em sua mensagem à nação, Abdo, após dias de silêncio, tentou fazer passar a situação que se vive como uma crise que atinge todos os países de forma igual e que a enfrentará abrindo-se ao diálogo e fazendo as mudanças necessárias para gerar tranquilidade. Essa resposta desesperada e as movimentações do Executivo já representam um importante triunfo da mobilização popular.

As mudanças de Marito não são suficientes para resolver a situação que mobilizou milhares e que conta com a simpatia da maioria dos trabalhadores. O governo está mais uma vez encurrulado e profundamente fraco; é hora de dar o golpe de misericórdia e jogá-lo na sarjeta junto com todos os demais partidos capitalistas inúteis.

VACINA JÁ PARA TODOS E TODAS!

A política do governo na pandemia até agora tem sido “cada um por si, mas mantenha a economia funcionando”, mesmo que isso signifique que milha-

res morram de forma dramática em hospitais colapsados.

Famílias inteiras se endividaram e perderam o pouco que tinham para fazer uma tentativa desesperada de fornecer remédios e suprimentos básicos (mas muito caros) para seus parentes internados.

Farmacêuticas, laboratórios e hospitais privados aproveitam a situação para continuar lucrando, enquanto quem não pode pagar fica por conta própria.

Se suprimentos e remédios básicos são vitais para atender os internados e sua exigência é fundamental, não devemos perder de vista que a única forma eficaz de controlar a pandemia é a vacinação em massa da população. Sem essa medida, nem mesmo um investimento dobrado e redobrado será capaz de fazer frente ao crescimento exponencial de infecções e casos graves.

As primeiras quatro mil doses de vacina, foram acrescentadas outras vinte mil, doadas pelo governo chileno. Isso é insignificante, pois não imunizaria 12 mil pessoas.

Essas quantias miseráveis, recebidas por meio de compra ou como doação, são uma piada, depois de assumirmos uma dívida de mais de US\$ 2 bilhões em 2020. Não é à toa que vemos muitos cartazes perguntando: onde está o dinheiro dos empréstimos? Não pode haver dúvida de que esses recursos não foram usados para aliviar as penúrias do povo, mas para o enriquecimento da quadrilha Marito-ANR e dos banqueiros internacionais.

Somente a vacinação de 70% ou mais da população poderá conter a crise de saúde no país. Devemos debater e assumir, para isso, a bandeira da quebra das patentes de todas as vacinas contra a COVID-19. É perverso que algo do qual depende a vida



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QYTMFJ](https://bit.ly/3QYTMFJ)

de milhões de pessoas esteja nas mãos de poucas empresas farmacêuticas, que não se preocupam com a vida de ninguém, mas com o lucro. Se as patentes fossem quebradas, seria possível produzir o imunizante numa escala inimaginável.

Em nosso país, todos os hospitais privados devem ser estatizados para garantir leitos e outros medicamentos, centralizando esses recursos num plano nacional de combate à pandemia sob o controle democrático das organizações da classe trabalhadora. O lucro não pode estar acima da vida.

A TAREFA IMEDIATA

O desafio para as organizações políticas, sindicais e populares é continuar mobilizadas, acompanhando a insatisfação generalizada da classe trabalhadora até que se consiga derrubar o governo.

Temos de discutir um programa de emergência diante da crise sanitária e socioeconômica. O PT se propõe a discutir de forma democrática a preparação de uma greve geral para efetivá-la.

Por outro lado, devemos articular um grande espaço de uni-



dade de ação a partir do qual possamos agregar cada vez mais organizações a fim de ter maior peso nas demandas que surgem do programa emergencial. E também para a mobilização permanente dos trabalhadores para que continue pressionando, recuperando forças e organizando o conjunto para um governo operário, camponês e popular.

O PT chama todas as organizações da classe trabalhadora para continuarem a mobilizar-se e começarem a construir um espaço que canalize o kuerá do nosso povo e ponha em perspectiva as tarefas que respondem aos interesses mais sentidos dos trabalhadores.

